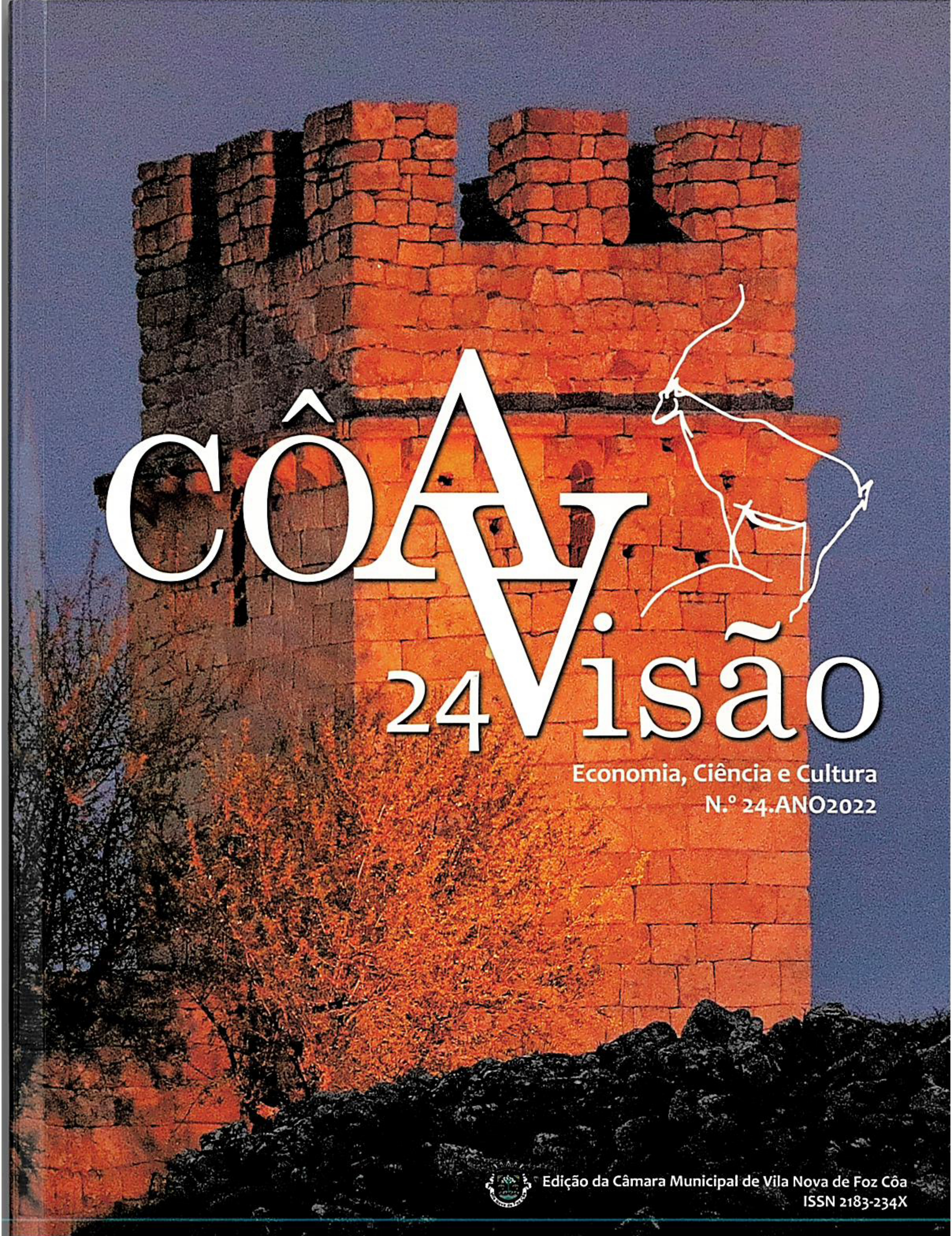




Côa 24 Visão

Economia, Ciência e Cultura
N.º 24.ANO2022



Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa
ISSN 2183-234X

CÔAVISÃO 24**COORDENAÇÃO**

José Manuel Costa Ribeiro
António N. Sá Coixão

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa
Praça do Município
5150-642 Vila Nova de Foz Côa

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tipografia Lobão, Lda.
Almada

DEPÓSITO LEGAL

121116/98

ISSN

2183-234X

TIRAGEM

750 exemplares

CAPA

Castelo de Numão, Vila Nova de Foz Côa
Fotografia de: João Farias

DATA DE EDIÇÃO

Maio de 2022

PERIODICIDADE

Anual

ÍNDICE

PREFÁCIO 5

INTRODUÇÃO

Os Coordenadores 7

ECONOMIA

O contrabando de fronteira através da recuperação de memórias: uma forma de diferenciação do turismo transfronteiriço

Dulcineia Catarina Moura
e Lídia Aguiar 11

CIÊNCIA

As escolas e a rede de ensino primário no concelho de Vila Nova de Foz Côa

António Sá Coixão,
António A. R. Trabulo
e Sandra Naldinho 23

Calúnia, Contrarrevolução e Companhia do Alto Douro

Aires Antunes Diniz 69

Anguilas y lampreas en nuestras aguas

Carlos García Medina 81

A literatura e a recriação da memória: uma estória sobre o património da Guarda

José Luís Lima Garcia 85

A Intervenção Arqueológica no Barrocal dos Lameiros (Figueira de Castelo Rodrigo) - 2021

João Muralha, Mário Reis,
Carla Magalhães
e António Batarda 101

Curiosidades históricas da Igreja Matriz de Vila Nova de Foz Côa

Igreja de Nossa Senhora do Pranto
José Manuel da Costa Ribeiro 113

Viagem pela Pintura de Rodrigo Dias

Carlos d'Abreu 131

«Caminhos de Sirga»: As portas e pontes em Carlos d'Abreu

Paulo Jorge Brito e Abreu 135

Relaciones de vecindad entre Ciudad Rodrigo y Ribacôa.

Conflictos en el pinar de Azaba (1565-1569)

José Ignacio Martín Benito 139

As relações familiares do escritor Francisco Botelho de Moraes e Vasconcelos (1670-1747)

com a vila de Freixo de Numão
Rui Leal Leonardo 153

Cultura e desenvolvimento na agenda da UNESCO

José Paulo Francisco 163

Portefólio

João Farias 171

A Intervenção Arqueológica no Barrocal dos Lameiros (Figueira de Castelo Rodrigo) - 2021

João Muralha¹, Mário Reis²,
Carla Magalhães³, António Batarda⁴

o. Introdução

O artigo diz respeito à terceira intervenção arqueológica do Projecto de Investigação denominado „Uma investigação sobre a Pré-história Recente do Vale do Côa. Dinâmicas de uso e ocupação do território“, que tem como objectivo principal o estudo das dinâmicas de povoamento da pré-história recente no Vale do Côa. O trabalho de campo foi realizado no sítio do Barrocal dos Lameiros (Algodres, Figueira de Castelo Rodrigo).

1. Descoberta e mudança de nome

O sítio arqueológico do Barrocal dos Lameiros foi casualmente descoberto por Mário Reis em Março de 2006, em passagem ocasional pelo local na descida para as margens do Côa. Na altura foi observado algum material pré-histórico de superfície, incluindo cerâmica de fabrico manual, mós de granito manuais e material lítico diverso, sobretudo em quartzo e quartzito. O sítio foi adicionado ao conjunto de sítios arqueológicos na área do Parque Arqueológico do Vale do Côa, sob a designação de Teixoeiras.

Este topónimo foi escolhido para nomear o novo sítio arqueológico por ser o que na carta militar se situa mais perto, mas na altura não foi possível encontrar ninguém nas imediações que pudesse confirmar se esta designação estaria correctamente aplicada, numa zona fortemente desertificada da região

do Côa e onde raramente se encontram pessoas em campo.

Em 2021, quando resolvemos incluir este sítio neste projecto de investigação e retomamos o contacto com o lugar e a aldeia de Algodres, foi possível perceber, em conversa com habitantes daquele local, que o topónimo “Teixoeiras” não era aplicável à área específica onde se encontrava o material arqueológico. É certo que a ribeira que contorna o sítio arqueológico pelo lado Norte antes de atingir o Côa tem a designação de “ribeira das Teixoeiras”, mas, esse nome, deriva da zona da nascente e curso inicial da ribeira, sendo “Teixoeiras” um macro-topónimo que designa uma vasta área para Nordeste do sítio arqueológico, mas sem o abranger.

Por uma questão de rigor procuramos então indagar do topónimo específico do sítio, caso existisse. Esta foi uma tarefa que não se revelou fácil pela referida desertificação da área. Ainda assim, com a colaboração do senhor Marcos Quadrado, antigo presidente da Junta de freguesia de Algodres, foi possível apurar com precisão a questão da toponímia do local. Desta forma, o cabeço rochoso correspondente ao sítio arqueológico tem a designação específica de “Barrocal dos Lameiros”, com a expressão “Barrocal” a aplicar-se perfeitamente às características pedregosas do sítio, e “Lameiros” a designar especificamente os terrenos agrícolas na base Oeste do cabeço, onde ainda hoje se nota a existência de origens subterrâneas de água através de uma vegetação à base de fetos, rara numa zona tão seca como esta região e que até poderá ter algum interesse pela sua potencial conexão com a ocupação pré-histórica do sítio.

2. O Sítio; georreferenciação, caracterização, participantes, datas e enquadramento.

O Barrocal dos Lameiros é um sítio pré-histórico não murado, com uma situação geomorfológica muito interessante. Implanta-se em dois pequenos cabeços aplanados e contíguos, na parte terminal do planalto de Algodres, entre o Côa e uma ribeira profundamente cavada. Os dois cabeços caracterizam-se pelo caos de blocos graníticos, tendo várias platafor-

¹ FCSH / Universidade Nova de Lisboa. CHAM.

² Fundação Côa Parque. CEAACP/UC.

³ Fundação Côa Parque.

⁴ Direcção Geral do Património Cultural. CEAACP/UC.

mas aplanadas entre rochedos. Estas plataformas, com áreas muito diferenciadas ou apresentam-se limpas de blocos, ou possuem outros dispersos. Os materiais arqueológicos encontram-se nesta área, apresentando grande dispersão. As cerâmicas são de fabrico manual, muito fragmentadas e erodidas. Encontra-se igualmente material lítico, sobretudo lascas de quartzo, mas também algumas em quartzo, e uma certa quantidade de mós de granito, de todas as dimensões.

Tem uma cota média de 430 metros acima do nível do mar. Geologicamente implanta-se em terrenos da Antiforma Lamego-Penedono-Escalhão (sintectónicos relativamente a F3), denominados Granito da Meda (Senhora da Graça): de grão médio de duas micas. O acesso ao sítio é feito por caminho de terra batida desde a estrada que saindo de Algodres segue a direcção do rio Côa. Cerca de 2 km antes do final da estrada alcatroada, existe um caminho à esquerda, ladeado por muro de xisto que permite a passagem de viaturas 4x4. Este acesso termina a 1km do sítio,

mas existe um caminho de pé posto que passa pelo Barrocal dos Lameiros.

Tendo em conta os objectivos deste projecto e as características deste local, optámos pela sua intervenção considerando um conjunto de factores. Em primeiro lugar, a sua implantação resguardada, ao longo das plataformas, parecia obedecer à tipologia de áreas ocupadas sem delimitação estrutural. Este tipo de sítios definidos por um de nós (João Muralha, 2010), poderia contribuir para o conhecimento da rede e tipo de povoamento da pré-história recente. Em segundo lugar, os materiais encontrados quer durante a sua identificação quer durante as visitas posteriores ao sítio, apontavam para uma cronologia que poderia abranger o 3º milénio e a primeira metade do 2º a.C. Em terceiro lugar, o caos de blocos graníticos poderia ter sido usado como elemento de construção de abrigos pré-históricos. É importante referir ainda que em toda esta área não eram conhecidas pinturas ou gravuras de qualquer cronologia.

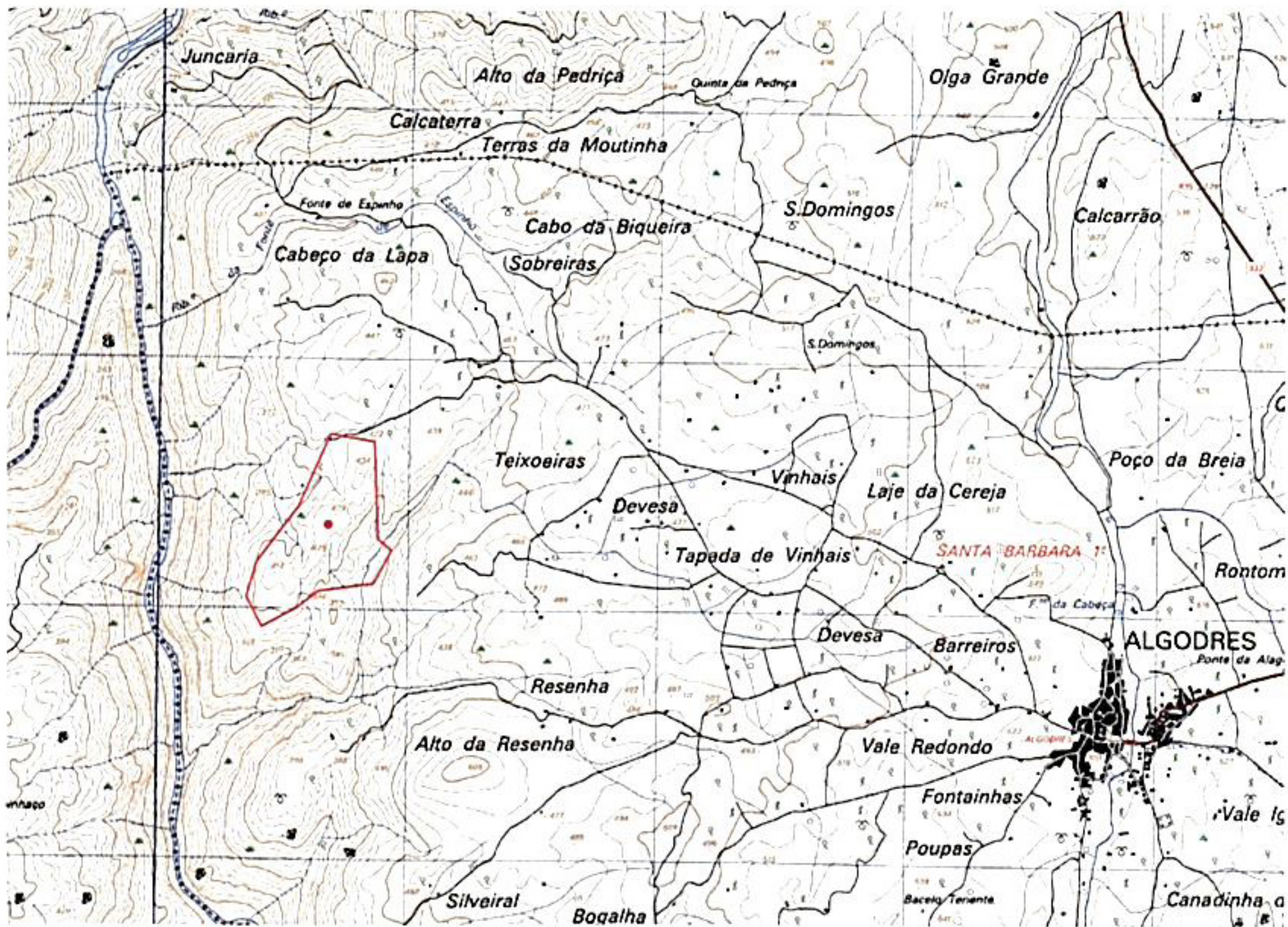


Fig. 1: Localização da intervenção arqueológica (pequeno ponto vermelho), em cartografia CMP 1:25000, folha nº - 151, com as seguintes Coordenadas Geográficas (datum WGS 84): Latitude: N 40°57'43"; Longitude: W 07°05'23"; Altitude - 430 m (ponto médio). A vermelho delimita-se a área prospectada no decurso dos trabalhos.



Fig. 2: Localização do sítio do Barrocal dos Lameiros (assinalado pela seta) em relação ao rio Côa, visível do lado esquerdo da imagem.

Os trabalhos decorreram entre 26 e 31 de Julho de 2021 e contaram com a presença de Mário Reis e João Muralha. Carla Magalhães por razões de saúde e António Batarida por motivos profissionais, não estiveram presentes. No entanto, todos os elementos participaram na organização e logística da intervenção arqueológica e por esta razão o seu nome figura neste trabalho. Mário Reis fez todos os registos fotográficos e João Muralha ocupou-se dos registos gráficos.

Como já referido na introdução, estes trabalhos enquadraram-se no projecto PIPA, apresentado e aprovado pela tutela no ano de 2019, ficando vigente até 2022.

Toda a logística de trabalho de campo (escavação, organização e sistematização de materiais) foi assegurada pela Fundação Côa Parque, (entidade enquadrante), a qual cedeu instalações para tratamento dos materiais (lavagem e contentorização adequada), providenciou o transporte para o campo e o nível óptico. Os meios necessários aos diversos registos (fotográficos e gráficos) foram providenciados pelos investigadores do projecto.

Os custos financeiros da intervenção foram praticamente nulos. Os poucos gastos existentes foram suportados pela equipa de projecto.

O levantamento fotográfico e topográfico com Drone foi feito com fundos provenientes de uma parceria entre este PIPA e o projecto de investigação LandCraft - os contextos socioculturais da arte da Pré-história Recente no vale do Côa, aprovado e financiado em concurso internacional no âmbito do concurso, Projetos de Investigação Científica e Desenvolvimento Tecnológico para a Promoção de atividades de I&D de âmbito interdisciplinar e pluridisciplinar a realizar na região do Vale do Côa, liderado pela Doutora Lara Bacelar Alves e um dos signatários deste relatório (João Muralha Cardoso).

Além deste levantamento fotográfico, esta parceria incluiu a georreferenciação de pontos no terreno com sistema GNSS e a produção de Modelo Digital de Superfície.

3. Objectivos, estratégia e metodologia

À semelhança das intervenções arqueológicas já executadas neste PIPA, o grande objectivo dos trabalhos arqueológicos consistiu na caracterização da ocupação do sítio do Barrocal dos Lameiros. De um ponto de vista geomorfológico, como referido

anteriormente, localiza-se em dois cabeços adjacentes, aplanados, na parte final do planalto de Algodres, quando se inicia a descida para o rio Côa. É um local oculto na paisagem, pois só nos apercebemos da sua existência quando estamos na sua área de dispersão de materiais arqueológicos. Faz um pequeno esporão, considerando o rio Côa e uma pequena ribeira sazonal, profundamente cavada. Aquando da sua descoberta não foram detectados vestígios de estruturas, apesar da considerável quantidade de materiais arqueológicos encontrados.



Fig. 3: Vista geral do sítio arqueológico

O trabalho de campo teve quatro objectivos/fases:

- 1 - Limpeza da área onde as sondagens foram implantadas;
- 2 - Abertura de várias sondagens de 1x1m, em várias das plataformas identificadas com o objectivo de perceber se ainda existe estratigrafia conservada e recolher o máximo possível de dados;
- 3 - Prospekção imediatamente em redor do sítio arqueológico se tentar perceber a área de dispersão de materiais, com o objectivo, se possível, de aferir a sua área original;
- 4 - Prospektar a envolvência do sítio arqueológico; Com a parceria entre este PIPA e o projecto Land-Craft, surgiram dois novos objectivos:
- 5 - O Levantamento topográfico com drone e georreferenciação de pontos no terreno com sistema GNSS;
- 6 - A produção de um Modelo Digital de Superfície que englobasse todas as áreas intervencionadas.

A metodologia de escavação seguiu os princípios de estratigrafia e de registo preconizados por Barker (1978), tendo em consideração a natureza dos contextos identificados.

4. Descrição e interpretação dos trabalhos realizados

- 1- *Limpeza da área onde as sondagens foram implantadas;*

As sucessivas áreas de trabalho, as plataformas, encontravam-se cobertas com vegetação rasteira e arbustiva. Toda as zonas de trabalho foram limpas com recurso a enxada, serra manual e ocasionalmente machado.

- 2- *Abertura de sete sondagens de 1x1m, em várias das plataformas identificadas com o objectivo de perceber se ainda existe estratigrafia conservada e recolher o máximo possível de dados;*

As sete sondagens foram marcadas no terreno e orientadas a Norte. A metodologia de escavação utilizada considerava o registo gráfico e fotográfico de todas as unidades estratigráficas identificadas e a sua completa remoção individualmente.

A unidade estratigráfica 01 foi identificada em todas as sondagens. Consistia numa camada húmida de formação recente, de cor castanha clara, composta por erva, poucas raízes e pedra de pequeno calibre. Arenosa, com raros materiais arqueológicos. Terá sido formada após o abandono desta área por pequenos agricultores.

A unidade estratigráfica 02 foi igualmente identificada em todas as sondagens. Continha raras raízes e raríssimas pedras de pequeno calibre. Arenosa com poucos materiais arqueológicos.

A unidade estratigráfica 03, identificada em todas as sondagens, apresentava um sedimento de cor castanha-alaranjada. Arenosa, mas mais densa que as anteriores. Continha materiais arqueológicos e raras pedras de pequeno calibre. Junto ao topo da unidade estratigráfica 04, existiam filamentos de raízes.

A unidade estratigráfica 04 corresponde ao substrato geológico; Granito de Meda-Escalhão. Grani-

to de duas micas (granitoides hercínico-tardi-tectónicos).

Por último, a unidades estratigráfica 05, presente apenas na sondagem 6, corresponde a um sedimento arenoso de cor castanha alaranjada escura. Contém materiais arqueológicos, raras pedras de pequeno calibre e fragmentos em desagregação do substrato geológico. Os materiais arqueológicos encontram-se geralmente em bom estado de conservação com as arestas vivas.

De uma forma geral, a estratigrafia encontrava-se relativamente preservada. Os materiais arqueológicos estão presentes em todas as unidades, mas preferencialmente nas unidades estratigráficas 03 e 05. A cerâmica recolhida na UE 02 apresenta-se sempre rolada e erodida, enquanto na 03 e 05, temos uma mistura de materiais rolados e com algum grau de erosão a par de outros com as arestas vivas e pouco rolados. Estas duas unidades estratigráficas poderão corresponder a momentos de ocupação efectiva desta área.

A análise preliminar dos materiais, líticos e cerâmicos, aponta para uma ocupação de meados do 3º milénio a.C., provavelmente estendendo-se aos finais desse milénio.

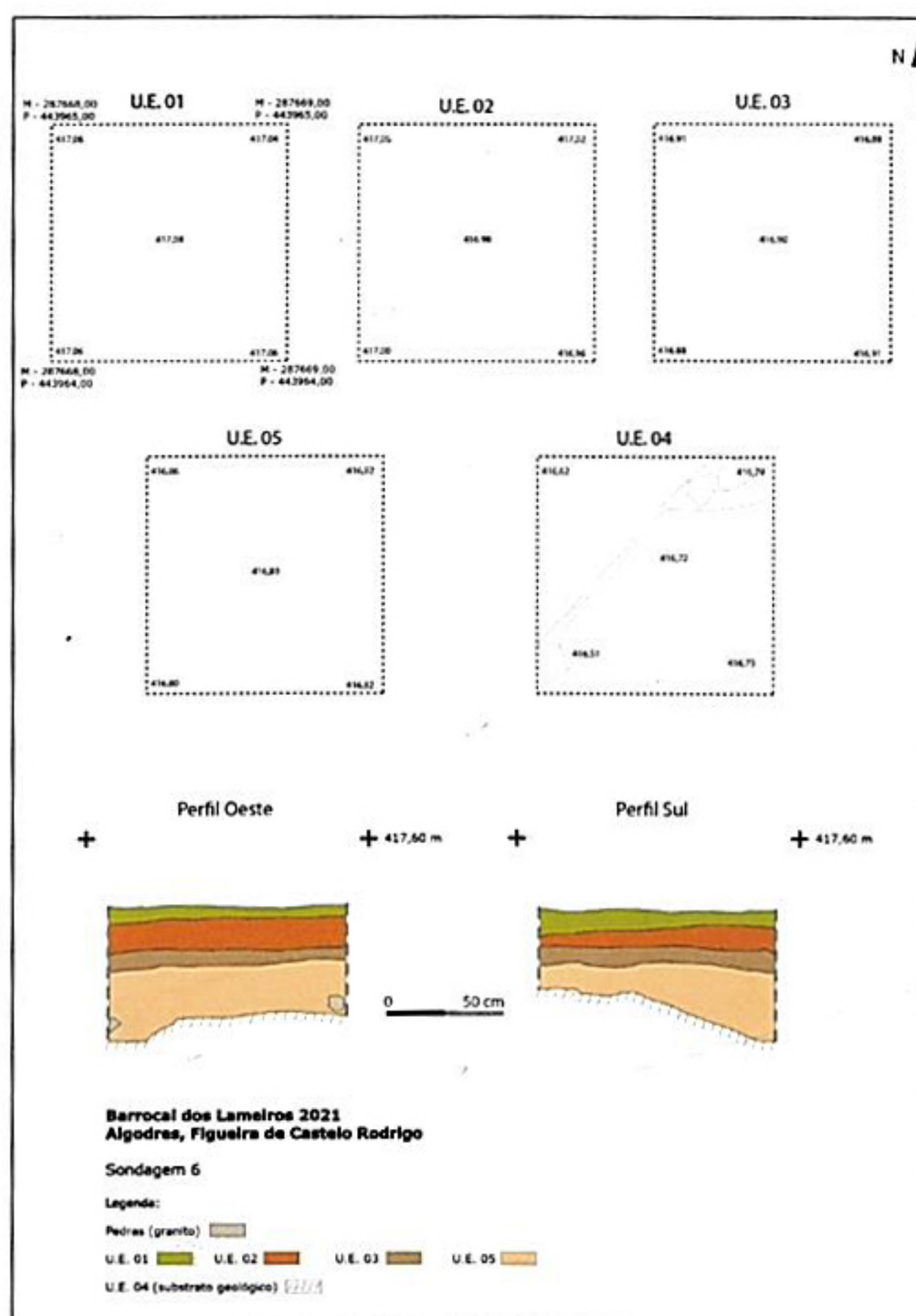


Fig. 5: Desenhos da sondagem 6, onde foram identificadas todas as unidades estratigráficas



Fig. 4: Cinco das sete sondagens arqueológicas, exemplificando a grande homogeneidade das unidades estratigráficas

3- Prospekção imediatamente em redor do sítio arqueológico para tentarmos perceber a área de dispersão de materiais, com o objectivo, se possível, de aferir a área original do sítio arqueológico

Este objectivo foi cumprido, com resultados muito interessantes. Todo o cabeço foi prospectado, assim como grande parte das plataformas que existem em seu redor. Assinalou-se grande quantidade de materiais arqueológicos e foi possível fazer uma cartografia da área de dispersão de materiais. Por outro lado, e de um ponto de vista da arte rupestre, foram encontradas duas novas rochas; uma com vestígios de pintura e outra com covinhas.

Na descoberta inicial do sítio em 2006 apenas foi assinalada a existência dos habituais vestígios materiais de superfície, como cerâmicas, líticos e mós, não se tendo registado então qualquer elemento de arte rupestre. Estes foram assinalados já no decurso dos trabalhos de campo que realizamos em 2021. Em primeiro lugar, nos trabalhos preparatórios, imediatamente antes de iniciar a escavação, assinalamos a presença de uma pedra solta decorada com duas covinhas. Em seguida, durante os trabalhos de escavação identificamos uma rocha com vestígios de pintura pré-histórica no interior do sítio, perto de uma das sondagens (rocha 1 do Barrocal dos Lameiros). Por fim, também no decurso dos trabalhos de escavação, e num dia dedicado por inteiro à prospecção minuciosa do sítio arqueológico e do seu entorno, com o objectivo de assinalar detalhadamente a distribuição dos diferentes vestígios arqueológicos associados ao sítio, descobrimos uma rocha decorada com duas covinhas (rocha 2 do Barrocal dos Lameiros), também no interior do sítio e poucos metros ao lado da pedra solta com covinhas inicialmente assinalada.

A descoberta de covinhas neste sítio segue-se à que já no ano passado ocorreu na escavação do sítio do Texugo, também no âmbito deste projecto, e integra-se numa crescente tendência de associação directa entre rochas com covinhas e sítios com algum tipo de ocupação pré-histórica na região do Côa (Cardoso et al 2021). Naturalmente, é impossível datar directamente estas covinhas, mas, tendo em conta o seu contexto, o mais provável é que sejam

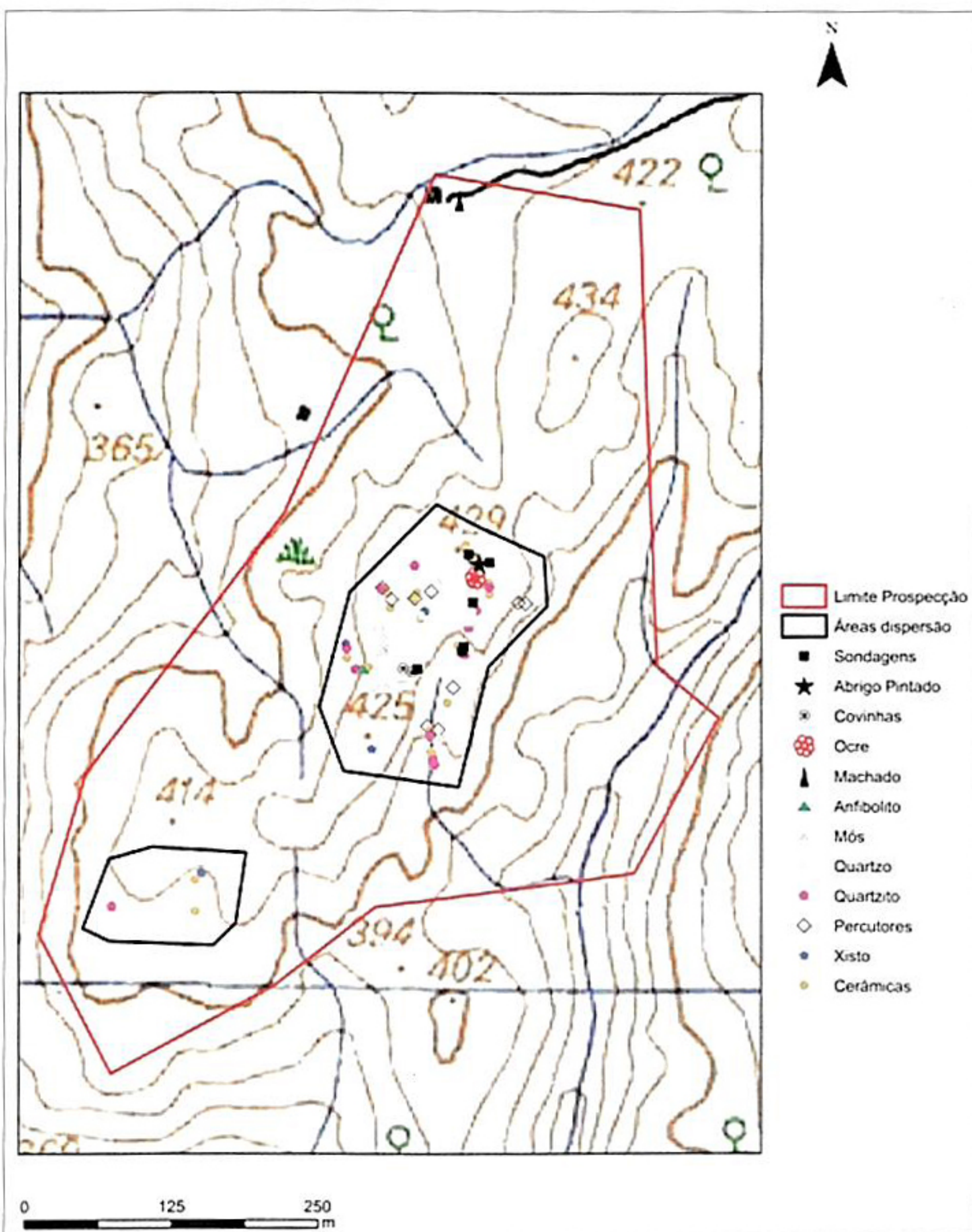


Fig. 6: Área de dispersão de materiais

coetâneas com a ocupação pré-histórica do sítio. O mesmo se pode dizer das pinturas encontradas.



Fig. 7: Pedra solta com cavinhas

Para além da mencionada questão da crescente associação entre cavinhas e sítios da Pré-história Recente na região, esta pedra solta tem ainda um elemento adicional de interesse. Sendo um bloco em tempos destacado de algum afloramento granítico, tem uma forma boleada definida, no essencial, por duas superfícies distintas. Uma é a superfície de fractura, possivelmente correspondente à fractura de separação do bloco do respectivo afloramento, embora possa igualmente ser correspondente a uma fragmentação de um bloco solto de maior dimensão. A outra superfície deverá corresponder, tendo em conta o seu diferente desgaste e os muitos líquenes que a cobrem, à superfície original do afloramento (ou do bloco maior), exposta aos elementos. O aspecto mais relevante que se pode anotar sobre as cavinhas é que não foram feitas nesta última superfície, mas sim sobre a superfície de fractura. Desta forma, este bloco solto foi intencionalmente escolhido para a realização das duas cavinhas, e não corresponde, de forma alguma, à fracturação de um anterior afloramento decorado com cavinhas, de que estas pudessem ser um vestígio. Neste sentido, este é um elemento decorado móvel.

A rocha 2 encontra-se na zona central do sítio, numa zona aplanada e relativamente abrigada entre os dois cumes principais do cabeço, nas extremidades Norte e Sul. Os materiais de superfície são relativa-

mente escassos nesta zona, tais como os encontrados em escavação, possivelmente por terem maioritariamente escorrido para as zonas periféricas mais baixas, no entanto, em redor desta rocha encontramos a maior quantidade de mós manuais de granito do sítio. Tal como referido, a pedra móvel com cavinhas surge também a poucos metros da rocha 2. Esta é um pequeno e pouco elevado afloramento granítico, de topo aplanado e muito pouco destacado no entorno, passando facilmente despercebido. As cavinhas foram feitas por picotagem profunda, sendo maiores, mais notórias e evidentes do que as que foram feitas no bloco solto, encontrando-se na periferia da superfície plana de topo.

Quanto à rocha 1, correspondente ao novo abrigo pintado, encontra-se na parte mais elevada do cabeço, na sua extremidade Norte. A superfície pintada integra-se num grande afloramento granítico de forma muito irregular e bastante elevado. Apesar de não se encontrar rigorosamente no ponto mais elevado do sítio, as características do afloramento e a sua altura fazem com que se destaque visualmente. As pinturas surgem de forma algo inabitual, e a morfologia desta rocha não corresponde ao clássico abrigo pintado. A superfície pintada surge no interior de uma estreita fenda formada pelo encontro de dois grandes blocos do conjunto rochoso. Os motivos pintados encontram-se no interior da fenda, distribuindo-se de alto a baixo e ao longo da separação interior/exterior, mas todos no interior, numa fenda muito estreita e que não permite o enfrentamento directo do olhar com as pinturas.

Para já apenas foi feito um reconhecimento preliminar da iconografia, faltando um estudo mais detalhado da superfície pintada. Reconhecem-se alguns conjuntos de pigmentos vermelhos, nem sempre fáceis de distinguir da superfície também avermelhada da rocha. Não se identificam motivos evidentes, mas é possível distinguir com clareza três formas intencionalmente triangulares, que denunciam a origem antrópica do conjunto, às quais se juntam outras manchas, de forma aparentemente indefinida. Esta indefinição morfológica dificulta a classificação cronológica e cultural desta rocha pintada, que não se integra de forma evidente em

nenhuma das *facies* de arte rupestre pintada conhecidas na Península Ibérica e Portugal. No entanto, e até pelo contexto em que se insere, no vale do Côa e, especificamente, no sítio do Barrocal dos Lameiros, o mais natural é que se integre no universo da Arte Esquemática, genericamente enquadrada entre o Neolítico e o Calcolítico. Provavelmente em concordância com esta hipótese está um achado de vestígios de ocre nas imediações do abrigo, com um nódulo no interior da fenda e outro à superfície a escassos metros do afloramento. Este último, insere-se no conjunto de achados de material de superfície do sítio, os quais, de uma forma geral, se podem considerar bastante homogêneos e atribuíveis a um intervalo cronológico compatível com o universo da Arte Esquemática.

Este projecto de investigação não tem por objectivo específico o estudo de arte rupestre. No entanto, o seu aparecimento, e para mais em directa associação a um contexto ocupacional bem definido, assume obviamente uma grande relevância científica, e enquadra-se dentro dos objectivos específicos de um outro projecto presentemente em vigor na região do Côa (*LandCRAFT*). Nos últimos dois anos, estes dois projectos, têm colaborado estreitamente, pelo que esta nova rocha pintada será estudada no âmbito do projecto *LandCRAFT*. Desta forma, a especialista em conservação Vera Caetano, limpou manualmente com bisturi os líquenes que cobriam

parte das pinturas. O nosso objectivo passava por melhorar a conservação da superfície pintada facilitando a sua leitura interpretativa.

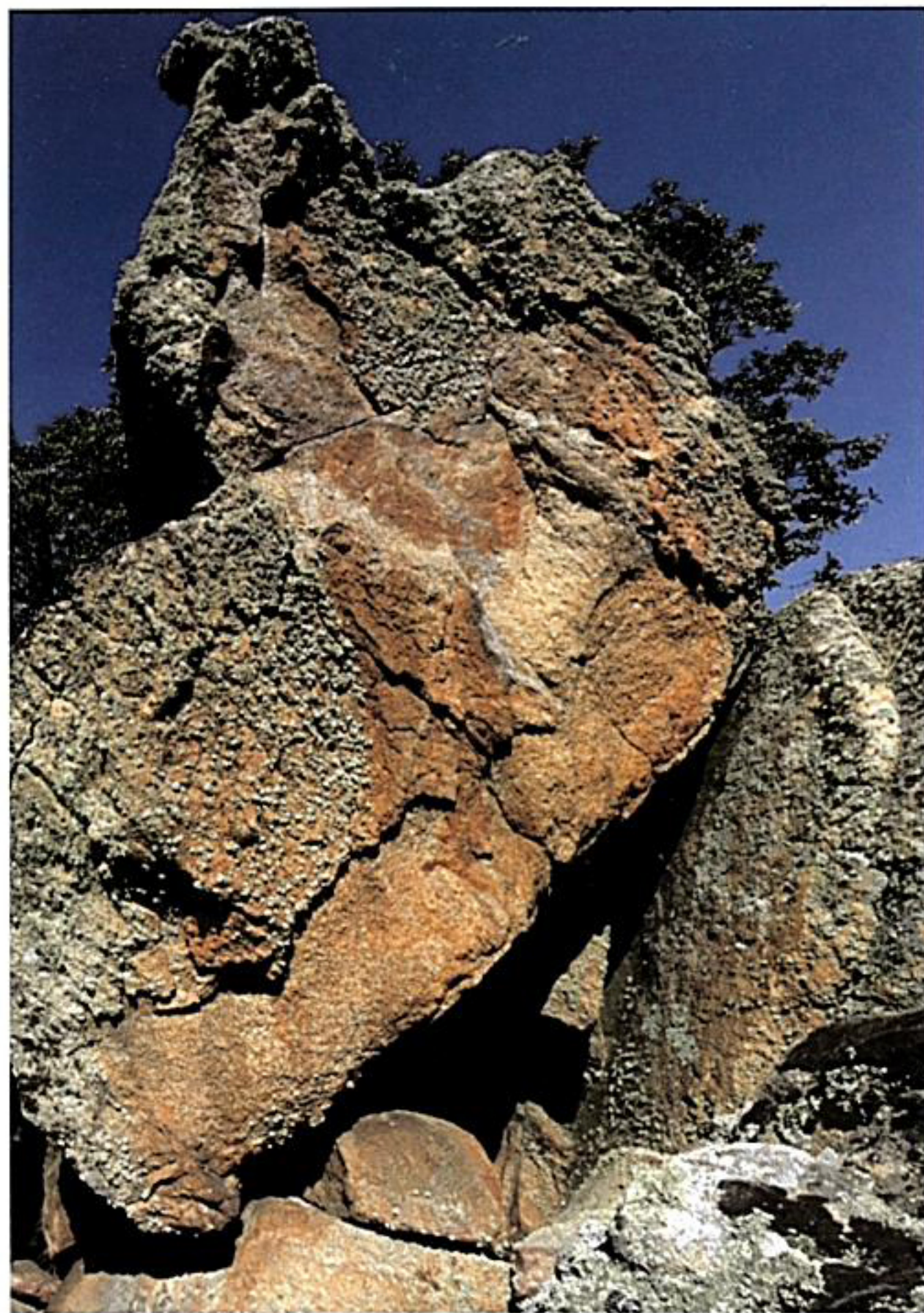


Fig. 9: Vista geral do abrigo



Fig. 8: Conjunto de fragmentos cerâmicos

4- Prospectar a envolveria do sítio arqueológico.

A figura seguinte cartografa a área, na envolveria do sítio arqueológico que foi prospectada.

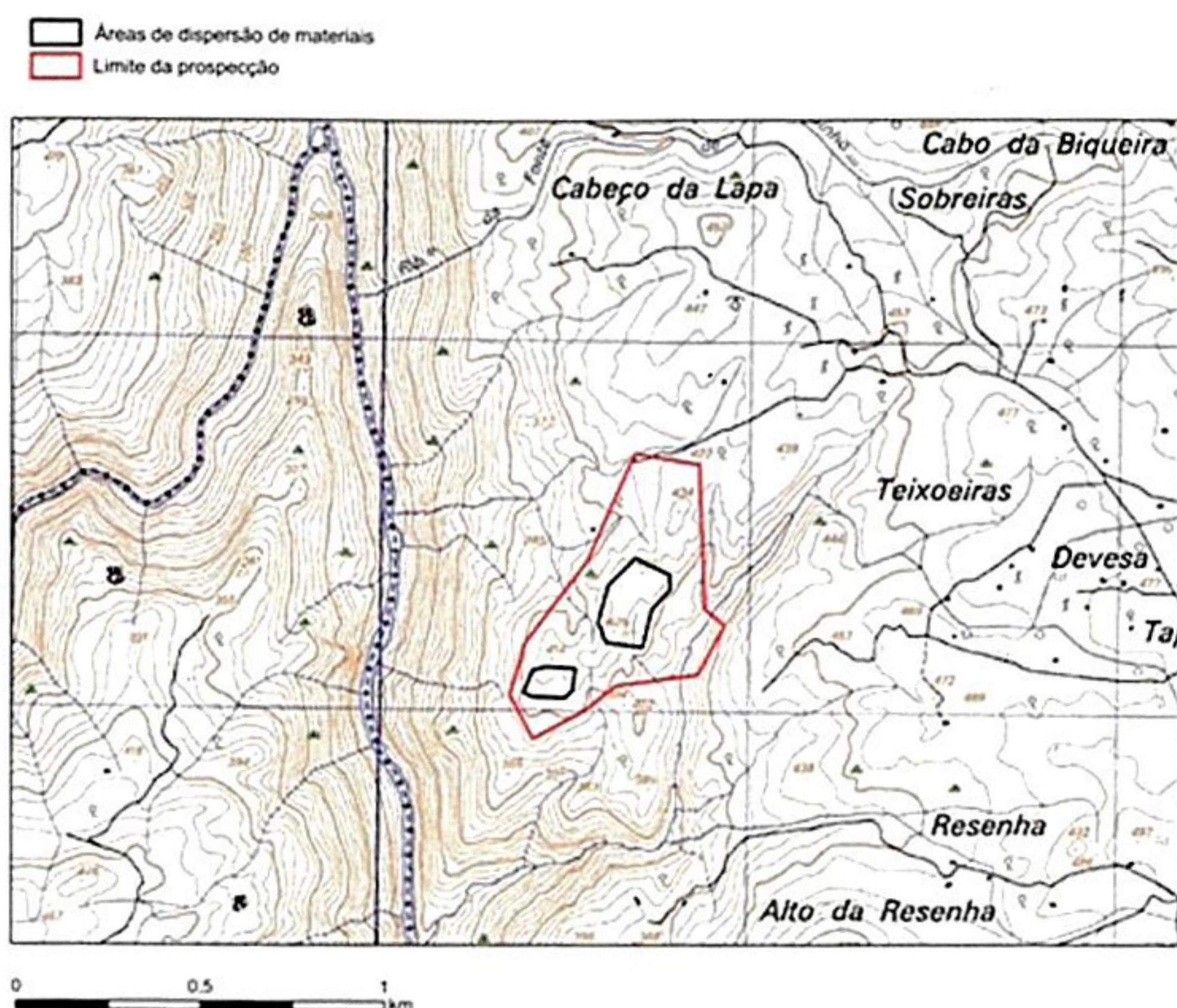


Fig. 10: Áreas prospectadas

5. Observações Finais

O sítio arqueológico do Barrocal dos Lameiros ocupa uma área relativamente pequena e esparsa de dois cabeços aplanados, contíguos, implantados na parte terminal do planalto de Algodres, entre o rio Côa e uma pequena ribeira sazonal, profundamente cavada. A ocupação deste local, subsiste nas várias plataformas que se descobrem entre os rochedos. Estas plataformas de áreas diferentes, ao contrário da envolvente, encontram-se limpas dos característicos blocos graníticos, que compõem a paisagem. É nestas áreas que se recuperam grande parte dos materiais arqueológicos, embora muito dispersos. As cerâmicas apresentam-se muito fragmentadas e erodidas (com raras exceções) e os materiais líticos são essencialmente lascas de quartzo e algumas em

quartzito. As mós em granito estão presentes um pouco por toda a área dos dois cabeços.

Uma análise preliminar dos materiais, parece apontar para uma ocupação deste sítio entre meados e finais do 3º milénio a.C. A ocupação não terá sido sistemática nem constante, pois a quantidade de artefactos recolhida é baixa, e se considerarmos os dados da escavação e da análise estratigráfica, percebemos que existe apenas uma unidade estratigráfica com materiais *in situ* (UE 05), somente identificada numa das sondagens. A unidade estratigráfica 03, imediatamente superior, identificada em todas as sondagens, poderá corresponder a um pacote sedimentar de um conjunto de ocupações descontínuas e esparsas no tempo. Os materiais cerâmicos apresentam-se maioritariamente rolados e erodidos, com raras colagens entre si. As sete sondagens efec-

tuadas também não ofereceram qualquer tipo de estrutura, quer em positivo, quer em negativo. Os materiais líticos são maioritariamente em quartzo, estando presente o quartzito e o anfibolito (dois pequenos machados polidos). Os vários elementos de moinho (dormentes e moventes), são em granito.



Fig. 11: Materiais em pedra polida e um percutor em seixo de quartzo

Estes dois cabeços foram certamente ocupados, mas com um tipo de ocupação mais sazonal, diferente do sítio do Texugo (Cardoso et al 2021). Enquanto este último, nos apresenta uma área de passagem sistemática, com ocupações breves, o Barrocal dos Lameiros parece ter sido um local de ocupação mais constante. A quantidade de mós encontradas no sítio poderá estar associada ao tipo de ocupação que este local poderá ter tido, embora as restantes materialidades, não nos ofereceram mais indícios neste sentido. É interessante notar que este tipo de sítios, não murados e não implantados no alto de grandes especificidades geomorfológicas, são, no estado actual do conhecimento, a maioria (Cardoso 2019).

Um factor importante, na interpretação deste lugar relaciona-se à pintura encontrada numa pequena fenda existente perto do topo de um dos cabeços. Como já referimos, a superfície pintada integra-se num grande afloramento granítico de forma muito irregular e algo elevado. É um local com um certo destaque visual interno, ou seja apenas percebido no sítio. Para fora da área de ocupação, esta espe-

cificidade não é notada. Por outro lado, a fenda encontra-se num local de passagem de quem vem do rio Côa para o topo do cabeço.

Desta forma, este afloramento pintado surge, em simultâneo, com uma implantação que se parece conectar directamente com o próprio sítio do Barrocal dos Lameiros, mas podendo assumir ao mesmo tempo uma ligação ao trajecto mais fácil e directo entre o planalto granítico e as margens do Côa, trajecto esse que, nesta área, passa precisamente pelo sítio do Barrocal dos Lameiros.

Bibliografia

ANGELUCCI, D., (2003), A partir da terra: a contribuição da Geoarqueologia” In Mateus, J. E.; Mereno-García, M., Eds. - *Paleoecologia humana e arqueociências: um programa multidisciplinar para a Arqueologia sob a tutela da Cultura*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 35-103.

BARKER, P., (1978), *Techniques of Archaeological Excavation*, London: Routledge Press.

CARDOSO, João Muralha (2019) - Castelo Velho de Freixo de Numão. Um sítio, uma paisagem. In LOPES, S. (ed.) - *Olhares sobre Castelo Velho de Freixo de Numão: Revisitar um Recinto Pré-histórico do Alto Douro Português*, DigitAR, 1, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 51-94.

CARDOSO, João Muralha (2010), *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) Um recinto monumental do 3º e 2º milénio a.C. Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional*, Palma de Maiorca, Vessants, arqueologia i cultura.

CARDOSO, J.M. - REIS, M., - MAGALHÃES, C., - BATARDA, A. (2021) - Trabalhos Arqueológicos no sítio do Texugo (Vila Nova de Foz Côa). *Côavisão*, 23, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, Vila Nova de Foz Côa, 103-110.